

A PESCA DA BALEIA NO BRASIL: UM ESTUDO DE HISTÓRIA E MEIO AMBIENTE

João Rafael Moraes de Oliveira,
Denílson Carignatto¹

Resumo: O objeto de estudo é a relação dos homens com o mundo natural. Foi elaborado um painel didático sobre a pesca da baleia no Brasil, destinado ao ensino de História em escolas de ensino fundamental e médio. O trabalho procurou conhecer as mudanças e permanências das técnicas e comportamentos adotados na pesca das baleias no Brasil, desde o século XVII. O painel foi elaborado com métodos comparativos, trazendo reproduções de fotografias, notícias de imprensa, imagens daquela atividade econômica, documento histórico com trecho de crítica de José Bonifácio de Andrada e Silva sobre a indústria baleeira, relato de Rubens Alexandrino, um ex-arpoador do século XX, e da bióloga Karina Broch.

Palavras-chave: História, meio ambiente, ensino, baleia, economia.

1. INTRODUÇÃO

O projeto “História e Meio Ambiente: estudo das formas de viver, sentir e pensar o mundo natural na América portuguesa e no Império do Brasil (1500-1889)”, realizado em 2002, pretendeu colaborar com o trabalho de professores no ajustamento de suas atividades aos propósitos dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) aos programas de História do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental².

Para o 1º. ciclo os conteúdos de História devem focar, conforme os *PCN*, estudos comparativos, apontando as semelhanças e diferenças, permanências e mudanças, dentre outras, de costumes, formas de relacionamento com a natureza, com base em problemáticas locais, do cotidiano do aluno, dimensionadas em diferentes tempos históricos. No 2º ciclo o estudo de história busca observar diferentes espaços, em particular, a relação da localidade do aluno com outras, no presente e no passado. Esta determinação ao ensino de História requer a elaboração de conteúdos, recursos e atividades que possibilitem aos professores e alunos um maior contato com estas formas de abordagem na construção do conhecimento do passado.

Entre os “temas transversais” presentes nos *PCN* está o do Meio Ambiente. Embora considerado importante para o ensino fundamental na atualidade, a temática não tem recebido, por

¹ Estudantes de graduação em História na FCL – UNESP – Campus de Assis, e integrantes do projeto “História e Meio Ambiente”.

² Este artigo apresenta resultados das atividades realizadas em 2002, no projeto “História e Meio Ambiente: estudo das formas de viver, sentir e pensar o mundo natural na América portuguesa e no Império do Brasil (1500-1889)”, junto ao Núcleo de Ensino da Pró-Reitoria de Graduação da UNESP, com apoio da FUNDUNESP. Foi desenvolvido no Departamento de História da FCL da UNESP, em Assis/SP, coordenado pelo professor Paulo Henrique Martinez.

parte da historiografia, grande atenção e, como nos alerta Soffiati (1989), a sistematização da história da relação do homem com o mundo natural tem tido pouca oportunidade nos livros didáticos. O trabalho de compreender as maneiras pelas quais o homem interagiu com a natureza no passado, explorando-a economicamente, torna-se pertinente em nossos dias, pois auxilia no entendimento da postura da sociedade brasileira perante os problemas ambientais. O entendimento dessa relação pode ser facilitado quando observamos o diálogo entre dois historiadores. Henri Pirenne disse a Marc Bloch: “Se eu fosse antiquário, só teria olhos para coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida”. Bloch completou: “Essa faculdade de apreensão do que é vivo, eis justamente, com efeito, a qualidade mestra do historiador (...). Além de tudo a educação da sensibilidade histórica nem sempre está sozinha em questão. Ocorre, em uma linha dada o conhecimento do presente ser diretamente ainda mais importante para a compreensão do passado” (Cf. Bloch). Buscou-se compreender, em particular, a relação da sociedade brasileira e a exploração econômica da pesca da baleia, procurando conhecer o passado através da multiplicidade de ritmos do tempo histórico, como acontecimentos, conjunturas e a longa duração (Cf. Braudel).

A constituição pelo projeto de um Banco de Dados sobre a temática “História e meio ambiente” no Brasil, bem como a pesquisa e coleta de informações a respeito da atividade pesqueira da baleia, acompanhadas de discussões teóricas e metodológicas, proporcionaram elementos necessários para o desenvolvimento de recursos e atividades didáticas, em forma de painéis didáticos³.

2. AS BALEIAS

As baleias exercem um enorme fascínio sobre os homens desde tempos remotos. Lendas e histórias já eram contadas em desenhos feitos nas paredes das cavernas por *Hominídeos*, que viam estes animais como monstros. Os gregos na Antiguidade também escreveram algumas lendas e mitos inspirados nestes animais: *E qualquer coisa que chegue ao caos da boca deste monstro, seja animal, barco ou pedra, desce imediatamente por aquela repugnante goela e perece a voragem sem fundo de seu ventre* (Plutarco, citado em Melville, 2002). A Bíblia também traz referências às baleias, como: *E Deus criou as grandes Baleias* (Gênesis); *Assim o Senhor preparou um grande peixe para engolir Jonas* (Jonas). A idéia de que a baleia era um monstro, também pode ser encontrada na Bíblia: *Naquele dia o Senhor castigará, com sua espada severa, grande e forte, Leviatã, aquela serpente, Leviatã, aquela serpente tortuosa, e matará o Dragão que está no mar* (Isaias). Tempos depois, com a expansão marítima européia, mitos sobre esses gigantes dos oceanos se multiplicaram. No clássico da literatura do norte-americano Herman Melville, escrito em 1851, a grande Moby Dick tornou-se um símbolo dos mares. Mais recentemente, no cinema, a orca

³ Para aprofundar as informações técnicas sobre a baleia, participamos de um Curso, intitulado “*Ecologia e comportamento dos Cetáceos*”, realizado no ano de 2002, promovido pelo Departamento de Ciências Biológicas da UNESP de Assis.

Willy, do filme “Free Willy”, transformou-se em sinônimo de amizade e companheirismo, fazendo cair a fama de mau, produzida anteriormente pelo filme “Orca, a baleia assassina”.

A Biologia classifica os cetáceos, nome científico dado ao grupo das baleias, golfinhos, botos e outros mamíferos exclusivamente aquáticos, em dois grupos: os *Odontocetos*, que compreendem as baleias com dentes, como as Orcas; e os *Misticetos*, que reúnem os cetáceos com barbatana. As barbatanas não são nadadeiras, são placas de fibras, localizadas no lugar onde seria dos dentes, na parte superior da boca, e são utilizadas para captura de animais planctônicos de que se alimentam as baleias. Depois de encher a boca com água repleta de plâncton, a baleia a fecha, fazendo com que a água saia por entre as barbatanas, que por sua vez funcionam como filtro, retendo os pequenos animais para a ingestão. A origem dos cetáceos ainda é indeterminada. No entanto, estima-se que as espécies mais recentes já existiam há 4 ou 5 milhões de anos e as primitivas há 30 milhões. O estudo da anatomia das baleias indica que, provavelmente, tinham hábitos anfíbios, habitaram o meio terrestre no período Cretáceo. Conforme as necessidades exigiam, esses animais foram adquirindo aptidões para a vida marinha.

A forma hidrodinâmica do corpo resultou de uma adaptação para a locomoção na água. O formato alongado ajuda a diminuir o atrito com o meio líquido. A ausência de pêlos e o aumento da camada de gordura que envolve o corpo do animal e atinge uma espessura de 20 a 50 centímetros e que mantém a temperatura do corpo, são dois exemplos do processo evolutivo. Outra adaptação foi a migração das narinas para o topo da cabeça, o que possibilita o animal respirar sem precisar colocar o focinho fora da água. O esguicho de água que se pode ver saindo do topo da cabeça dos cetáceos é, na verdade, vapor de água oriundo da respiração, que toma aquela forma física, graças à pressão e o choque térmico resultante do encontro do vapor úmido e quente da respiração com o ar.

A maior fonte de alimentos dos cetáceos se concentram nos pólos. Durante o verão austral - novembro a abril – permanecem nas águas do Pólo Sul, mais fértil em matérias orgânicas que as zonas tropicais. Esse fato se deve a extensos bancos de crustáceos flutuantes de cuja abundância depende sua permanência naquela região para armazenar matérias graxas, transformadas em calorias e em energia, necessárias à época da migração. As baleias migram em abril para os trópicos com a aproximação do inverno, e ali encontram lugar e tempo propícios para a procriação. Daí não se afastam enquanto suas crias não estiverem prontas para acompanhá-las, revelando uma grande ligação entre ela e seu filhote. As baleias são capazes de produzir leite com 50% de teor de gordura, o que faz o filhote ganhar rapidamente uma camada espessa de gordura, que funciona como isolante térmico, dando condições para acompanhar a rotina de seus pais nas águas polares durante o período de alimentação. O baleote, como é chamado o filhote, recém-

nascido, depois de 12 meses de gestação, torna-se adulto após vinte e cinco meses de vida e atinge uma longevidade que varia de 30 a 80 anos, dependendo da espécie.

O maior *odontoceto* é o Cachalote, medindo de 15 a 20 metros de comprimento. Sua cabeça corresponde até 40% do seu tamanho total. Por causa de seus caros produtos, como o espermacete, e o âmbar-gris, o cachalote tornou-se preferido dos pescadores aos demais cetáceos, e tem uma das mais antigas e contínuas histórias de exploração entre estes animais (Cf. Ellis). O espermacete, extraído do cérebro do cachalote, é uma matéria branca, oleosa, transparente e viscosa que, em contato com o ar, transforma-se em cera. Um animal adulto pode fornecer até 5000kg desta matéria-prima. A indústria baleeira no Brasil interessou-se, na segunda metade do século XVIII, pela fabricação de velas. O espermacete *era também consumido nas boticas como detergente, consolidador, emoliente, no preparo de unguentos, pomadas, bálsamos e de cosméticos e sabões mais finos* (Ellis, 1969: 113).

Outro alvo de destaque da caça baleeira foi a Baleia Franca ou Baleia Certa (Right Whale). Era assim denominada pela facilidade com a qual era caçada, uma vez que, além de ser costeira e mansa, possuía uma camada de gordura de cerca de 40cm. Esta camada fazia com que a baleia boiasse depois de morta, facilitando o trabalho de reboque para terra firme. A Baleia Franca é freqüente no litoral de Santa Catarina, mede cerca de 18 metros e pode pesar até 60 toneladas. Esta baleia sofreu uma drástica redução de suas populações. Em 1935, foi protegida da caça em todo o mundo mediante acordos internacionais. No Brasil, apesar dessa “proteção”, foi caçada em Santa Catarina até meados da década de 1970. Outras baleias, como a Baleia Azul, Jubarte, Minke e Orca figuram no quadro da caça realizada nos Oceanos de todo o mundo.

A Baleia-azul é o maior *misticeto*, atinge até 33 metros de comprimento e mais de 140 toneladas de peso. É, portanto, o maior ser vivo do planeta. Já a baleia Jubarte chega a atingir 16 metros de comprimento e a pesar 40 toneladas, é freqüente no sul da Bahia, no arquipélago de Abrolhos. As Baleias-Minke, por serem as menores do gênero, tornaram-se, atualmente, os alvos preferidos dos baleeiros noruegueses e japoneses. As Orcas vivem em bandos de até cem animais, comuns no litoral da Patagônia argentina, região farta de pingüins, lobos-marinhos e leões-marinhos, sua alimentação predileta. Próximo ao mês de junho, a presença dos cetáceos em águas do Atlântico brasileiro, determinava o início da pesca nas armações da Bahia e do Rio de Janeiro, desde o século XVII, de São Sebastião e Bertioga e do litoral catarinense dos meados do século XVIII em diante.

Hoje, 37 espécies diferentes de baleias visitam as águas do litoral brasileiro.

3. BREVE HISTÓRICO DA PESCA DA BALEIA NO BRASIL

A pesca da baleia foi introduzida no Brasil em 1602, pelos bascos de Biscaia, na Espanha. Ensinaram técnicas no uso de arpões manuais, lançados de um bote a remo, no Recôncavo baiano, acabando, assim, com a fase de coleta dos produtos dos cetáceos encalhados nas praias. Os pescadores do Brasil firmaram-se de norte a sul à costa, sem desprenderem do continente rumo ao alto mar.

A partir de 1614, estabeleceu-se o monopólio da pesca da Baleia por parte da Coroa Portuguesa, impedindo, assim, a livre pesca. A expansão geográfica desta indústria se deu por volta de 1720, com o estabelecimento do primeiro núcleo baleeiro no Rio de Janeiro. No setor meridional da colônia, que compreende, neste trabalho, as áreas, fluminense, paulista e catarinense, é possível dividir os contratos de arrendamentos do monopólio da pesca, em três períodos: 1) até pouco depois de 1730, período em que o monopólio e a pesca permaneceram unidos, circunscritos à capitania do Rio de Janeiro. 2) de 1734 a 1801, expansão geográfica das “pescarias do Sul” e a reestruturação do monopólio em 1765 com a unificação de todos os contratos da pesca da baleia na costa do Brasil; a extinção do monopólio em 1801. Entre 1801 e 1816, ocorre a fase de administração pela Fazenda Real das feitorias baleeiras. 3) de 1816 a 1825, período do novo arrendamento, de que resultaram as reestruturações do monopólio e das Armações. O primeiro impulso conferido ao monopólio e à pesca da baleia, no Brasil, decorreu da política empreendida pelo Marquês de Pombal, aliado à burguesia mercantil do Reino.

Nos primeiros séculos daquela atividade, as baleeiras, nome dado aos barcos de pesca, saíam para o mar em grupos de quatro a seis, acompanhadas de lanchas de socorro, impelidas pelos remos. Estas baleeiras mediam de 10 a 12 metros de comprimento e podiam percorrer de 10 a 12 milhas por hora. Eram compostas por tripulação de seis remeiros, arpoador e timoneiro ou patrão do barco. A lancha de socorro transportava o mesmo número de homens com exceção do arpoador. Prestava-se ao auxílio a outras embarcações e à remoção da baleia apresada, para a terra.

As baleias eram identificadas pelos seus borrifos e logo em seguida eram cercadas pelas baleeiras. Cabia o arpoamento à lancha que mais se aproximasse do animal. O arpoador o lanceava com um arpão, preso ao barco por uma corda. Finda a luta entre os pescadores e a baleia, alguns homens pulavam na água e amarravam a baleia morta ao barco para ser puxada até a terra. Aí se encontravam os entrepostos da pesca de cetáceos, as “armações”, com seu “engenho de frigar”, sua “casa de tanques” para armazenagem do óleo das baleias, sua “casa grande”, suas senzalas, os núcleos agrícolas e outras construções semelhantes aos engenhos da indústria açucareira.

Na Armação, os escravos processavam o retalhamento do cetáceo separando as partes do animal. Após o processo de purificação, que consistia numa espécie de filtragem dos

resíduos no “derretimento” da gordura da baleia, era o óleo distribuído ao consumo e exportado em pipas e barris para o Rio de Janeiro e para Portugal. A pipa comum correspondia a 424 litros. Uma baleia, conforme as dimensões, produzia de 10 a 20 e até 30 pipas de óleo. No entanto, esta indústria nem sempre recorreu à prática de métodos de trabalho essencialmente adequados e racionais, quer nas pescarias, quer no beneficiamento dos produtos derivados da baleia, dando-lhe certas características de economia mal orientada, imprevidente e predatória.

A exploração econômica da baleia foi uma importante atividade na América portuguesa e no Brasil. Além de sua organização, participou na ocupação e no povoamento da costa meridional brasileira. A carne da baleia, usada como alimento, era salgada para ser conservada por mais tempo. A língua, importante iguaria, era vendida à nobreza e ao clero. As barbatanas eram utilizadas na confecção de indumentárias femininas e masculinas, como os espartilhos, saias, chapéus e em artefatos de batalha. Os ossos eram usados para a construção civil e produção de móveis. O óleo de baleia serviu, especialmente, para a iluminação dos engenhos, de casas e fortalezas, a calafetagem de barcos nos estaleiros e ao preparo de especial argamassa para construções mais sólidas. Deu origem à indústria de óleo e outros derivados do cetáceo, desenvolvendo-se no litoral da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina, durante os séculos XVII e XVIII, extinguindo-se praticamente no XIX. Liquidaram esta indústria, entre outros fatores, a concorrência estrangeira (basicamente norte-americanos e ingleses), as ultrapassadas técnicas baleeiras, a diminuição do número de cetáceos em águas brasileiras e o desenvolvimento de novas técnicas de iluminação advindas do emprego do gás, do petróleo e da eletricidade. Os maiores caçadores deste cetáceo, no século XVII e XVIII, foram os holandeses; no XIX a supremacia da pesca ficou por conta dos norte-americanos e ingleses, e no século XX, aos noruegueses e japoneses. Estatística da *International Whaling Statistics*, informam que em apenas 71 anos, de 1868 a 1939, foram mortos 822.381 animais, ou seja, mais de 10 mil por ano.

No fim do século XIX foi inventado o canhão de arpões, que, juntamente com a expansão das frotas baleeiras e a construção de navios-frigoríficos, determinou um grande aumento das capturas, a ponto de algumas espécies se encontrarem ameaçadas de extinção. Na década de 1970, numa tentativa de salvaguardar a existência desses animais, companhias internacionais procuraram limitar e controlar a pesca das baleias. Em meados da década de 1980, proibiu-se por cinco anos a pesca com fins comerciais, sendo permitida apenas a captura para fins científicos. Eram, então, poucos os países que tinham uma indústria baleeira significativa, mas alguns rejeitaram a proibição e continuaram com a pesca. No Brasil, os cetáceos estão protegidos por lei desde 1986⁴.

No século XX, esta atividade tomou proporções significativas, pois os produtos derivados continuaram sendo altamente rentáveis, além da observação de baleias ter se tornado

⁴ Portaria número 11 de 21 de fevereiro de 1986, Lei número 7.643 de 18 de dezembro de 1987.

numa forma de ecoturismo, turismo ecológico de cunho preservacionista. Novas técnicas de beneficiamento da baleia foram desenvolvidas, tendo assim, novas utilidades. Descobriu-se que, se submetido a um processo de sulfuração, o óleo deste cetáceo torna-se um excelente detergente para a lavagem após tingimento de tecidos produzidos à base de lã ou até mesmo de fibras sintéticas. Algumas partes do seu organismo, como tendões e pele, quando purificadas, eliminam uma substância gelatinosa que, além de servir para a indústria alimentícia, também é usada na produção de emulsões para filmes fotográficos. Segundo as estimativas do *Greenpeace*, foram mortos no século XX mais de dois milhões destes animais.

4. ELABORAÇÃO E APRESENTAÇÃO DE PAINÉIS DIDÁTICOS

O material didático elaborado sobre a pesca da baleia foi disposto em dois painéis e buscou relacionar presente e passado e subsidiar o trabalho de professores no tratamento da temática do meio ambiente nos estudos de História⁵. Os painéis medem 100 centímetros de comprimento por 90 de largura. São constituídos de um texto-base, imagens, fotografias e citações de diferentes períodos relativos àquela atividade, e seguem uma linha cronológica e comparativa.

O texto-base, assim como as imagens e fotografias, permitem compreender o processo histórico, ou seja, as mudanças e permanências de costumes, técnicas, modalidades de trabalho, divisão de trabalho e formas de relacionamento dos homens ao longo do período de exploração da pesca da baleia realizada no Brasil. As citações presentes no texto-base revelam períodos distintos da História da pesca dos cetáceos: José Bonifácio de Andrada e Silva, 1790, de Rubens Alexandrino, um ex-arpoador de baleias, nascido em 1929, da bióloga Karina Groch e um trecho de propaganda jornalística. José Bonifácio (1763-1838) viveu a maior parte de sua vida na Europa onde seguiu uma longa carreira em postos e serviços ligados a Coroa portuguesa, e realizou vários estudos para ajudar a revitalizar a economia do Reino. Esses estudos ocorreram no contexto da universidade reformada de Coimbra, que marcou o ingresso, em 1772, das Ciências Naturais em Portugal, e do círculo de influência do naturalista italiano Domingos Vandelli. As lições deste naturalista certamente imprimiram nele uma visão condenatória da destruição, irracional e predatória, dos recursos naturais. Escreveu em 1790, no auge da pescaria da baleia na América portuguesa e da política de reformas empreendidas por Portugal, “*Memória sobre a pesca das baleias, e extração do seu azeite, com algumas reflexões a respeito das nossas pescarias*”. Nestas notas pode-se perceber uma preocupação e crítica com a forma de exploração da pesca, as técnicas utilizadas, o desperdício no beneficiamento dos produtos da baleia. Enfim, sua visão revela uma *apologia da racionalização das*

⁵ Os resultados da estratégia de levar o tema para a sala de aula foram obtidos mediante apresentação dos *painéis* em duas oportunidades: Na XX Semana de História realizada na UNESP de Assis, de 15 a 18 de outubro de 2002; e no Colégio Estadual Jayme Canet – Ensino Médio – de Bela Vista do Paraíso – PR, no dia 31 de Outubro de 2002, atendendo 5 turmas no período diurno e 9 no período noturno, perfazendo um total de 487 alunos.

técnicas produtivas pela aplicação pragmática do conhecimento científico e a crítica da exploração destrutiva dos recursos naturais (Pádua, 2000: 134). Isto fica evidente no trecho abaixo:

“Deve certo merecer também grande contemplação a perniciosa prática de matarem os baleotes de mama, para assim arpoarem as mães com maior facilidade (...). Este método (...) parece visto a vulto excelente, mas olhando de perto é mal, e trará consigo, a não se prover nisso, a ruína total desta tão importante pescaria. É fora de toda dúvida que matando-se os baleotes de mama, vem a diminuir-se a geração futura”.

Neste relato, nota-se que os filhotes também eram mortos na busca de lucros, fazendo com que Bonifácio se preocupasse com este método de pescar as baleias, que não se separavam de seus filhotes, revelando uma grande preocupação econômica da época.

Contrapondo-se a essa citação do passado, buscou-se mostrar as formas de relacionamento do homem com a natureza no presente:

“Matamos a baleia, o baleote começou a gemer e não parou mais. Parecia uma criança. Durante muito tempo, por mais que eu tentasse esquecer, o choro do baleote órfão voltava na minha cabeça”.

Nas palavras do catarinense, nota-se que os baleotes costumavam ser preservados na região, ao contrário do que acontecia nos tempos de José Bonifácio, além de se perceber diferente forma de “sentir” o ato da pesca. Rubens Alexandrino mostra um sentimento empático com o animal, mesmo pescando a baleia, ainda, com fim econômico.

Um outro relato, revelador das mudanças históricas, é o da bióloga Karina Groch, coordenadora de pesquisa do Projeto Baleia Franca, no litoral de Santa Catarina, sobre o movimento de preservação das baleias. Nesta direção, ainda, uma propaganda de turismo, publicada em um jornal de grande circulação no Estado de São Paulo, completa o tipo de relação e a forma de exploração econômica das baleias existentes na atualidade:

“Proteger baleias significa proteger o meio ambiente em que elas vivem. Em Santa Catarina temos programas abertos ao público em geral de visita *in loco* do animal. Proteção legal apenas não adianta, é preciso que as pessoas conheçam a baleia e tomem consciência às questões ambientais”. *Karina Groch (bióloga e coordenadora do projeto baleia Franca, em Santa Catarina)*

“As baleias estão aqui: de agosto a novembro elas vêm à costa da Praia Forte para procriar. Só nos últimos 10 dias, foram avistadas mais de 200 na área de observação. Programe seu passeio conosco. Não perca essa grande emoção!”. *O Estado de S. Paulo, 17/09/2002, p. v.10.*

Estas citações foram utilizadas para destacar que uma das maiores preocupações ecológicas de nossa época é a destruição da biodiversidade, variedade dos seres vivos. Assim sendo, um dos argumentos para a preservação da baleia é que a sua extinção pode provocar desequilíbrios ecológicos, tais como a superpopulação dos seres que servem de alimentos às

baleias. Notamos também que, atualmente, a observação das baleias tem um duplo sentido: preservacionista e econômico.

Nos painéis, o conjunto de imagens e fotografias utilizado para complementar e ilustrar o trabalho. A primeira imagem informa a rota de migração, reprodução e procriação das baleias nos Oceanos do mundo inteiro. A segunda representa o modo como era realizado o cerco à baleia nos primórdios da atividade pesqueira no Brasil. Uma imagem de um canhão de arpões, utilizado na pesca a partir do final do século XIX, contrasta ainda com outra, que mostra as armas utilizadas em períodos anteriores. As mudanças no aprisionamento da baleia podem ser entendidas comparando-se duas imagens. Em uma nota-se a baleia sendo rebocada por um navio-frigorífico do século XX, na outra, por uma baleeira de pequenas proporções do século XVIII, que descarregará o produto da pesca nos estabelecimentos do núcleo baleeiro, na praia.

No segundo painel encontram-se duas imagens do retalhamento da baleia revelando períodos diferentes. Na ilustração que mostra a atividade realizada no passado, um pintor retratou aspectos do retalhamento e do “beneficiamento” do toicinho das baleias, feitos por escravos trabalhando em uma Armação. Já em uma fotografia do grupo ambientalista *Greenpeace*, notam-se funcionários japoneses na mesma atividade, agora realizada num navio-frigorífico, que substitui as antigas Armações.

A experiência de apresentar os painéis, em duas oportunidades, tornou possível avaliar o material didático. Surgiram dois novos desafios. Primeiro enfrentar e vencer a curiosidade despertada pelo tema, em perspectiva histórica, e a prática da “interdisciplinaridade”, na relação dos historiadores com outras disciplinas, como a Biologia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, defrontamo-nos com situações que desafiavam o nosso conhecimento sobre a temática “História e Meio Ambiente” e a pesca da baleia. Lançamo-nos em constantes buscas de materiais teóricos e informações técnicas, a fim de atendermos aos objetivos do projeto. Desta forma, a análise histórica permitiu perceber as mudanças, ao longo dos tempos, nas técnicas de captura da baleia; elaboração de diferentes produtos derivados do cetáceo; uma significativa mudança nos comportamentos e sentimentos, vigentes na sociedade brasileira perante a exploração desse recurso natural. Essas alterações foram caracterizadas com o aparecimento de uma postura ecológica de forma a explorar recursos naturais preservando o meio ambiente; concebida, atualmente, como exploração sustentável. A permanência da exploração econômica da baleia, enquanto recurso natural, apresenta-se como um fenômeno de *longa duração* na história econômica brasileira.

Buscamos apresentar aos professores de História um instrumento de trabalho em forma de painéis didáticos que possibilitem tratar as questões ambientais e o relacionamento dos seres humanos com a natureza em diferentes períodos históricos e em distintos ritmos de tempo. A estratégia foi tornar as questões ambientais mais próximas do cotidiano de professores e alunos, seguindo as proposições dos PCN. No entanto, este trabalho pretende também promover o afastamento de posturas rígidas e que a temática ambiental possa abrir novos horizontes ao ensino de História e contribuir com os debates sobre Educação no Brasil.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, MARC. *Apologia da história*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2002.
- BRAUDEL, FERNAND. *Escritos sobre história*. São Paulo. Perspectiva, 1978.
- CARVALHO, M. de. *O que é natureza*. São Paulo. Brasiliense, 1991.
- DRUMMOND, JOSÉ AUGUSTO. “A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, 4 (8): 177-197, 1991.
- ELLIS, MYRIAM. *A Baleia no Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da USP/ Melhoramentos, 1969.
- _____. Aspectos da pesca da baleia no Brasil Colonial. *XIV Coleção da Revista de História*. São Paulo, 1958.
- LE GOFF, JACQUES. *História, Novos Objetos*. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1976.
- MELVILLE, HERMAN. *Moby Dick*. Trad. P. E. S. Ramos. São Paulo. Nova Cultural, 2002.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Secretaria de Educação Fundamental - *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*. 2^o ed., Rio de Janeiro. DP&A, 2.000.
- PRESTES, M. E. B. *A investigação da natureza no Brasil colônia*. São Paulo. Ananblume-FAPESP, 2.000.
- SILVA, M. B. N. da. “O pensamento científico no Brasil na segunda metade do século XVIII”. In: *Ciência e Cultura*, 40 (9): 859-868, 1988.
- SOFFIATI, ARTHUR. “A ausência da natureza nos livros didáticos de história”. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 9 (19): 43-56, 1989-1990.
- THOMAS, KEITH. *O homem e o mundo natural*. São Paulo. Companhia das Letras, 1988.
- WORSTER, DONALD. “Para fazer história ambiental”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, 4, (8): 197-215, 1991.